

Tecnoestética: uma perspectiva da forma para pensar a dimensão constitutiva dos meios na socialidade, na expressão e no sentido



Vivian Castro de Miranda

Mestre em Comunicação Midiática (UFMS)
E-mail: vicacastro_dsn@hotmail.com

Adair Caetano Peruzzolo

Pós-doutor e professor de Pós-graduação
em Comunicação da UFMS
E-mail: acperuzzolo@smail.ufsm.br

Resumo: Propõe-se, no acompanhamento do fenômeno de mediação, a noção de uma tecnoestética. Através de um estudo da categoria “forma”, procura-se desenvolver uma articulação da questão dos meios de comunicação e sua dimensão constitutiva na expressão e no sentido, compreendendo a técnica enquanto linguagem, bem como a estética como forma de socialidade na atual conjuntura, uma vez que está em curso uma nova ordem sócio-técnica da vida.

Palavras-chave: mídia, discurso, forma, socialidade, sentido.

Tecnoestética: una perspectiva de la forma para pensar la dimensión constitutiva de los medios en la socialidad, en la expresión y en el sentido

Resumen: Se propone, en el acompañamiento del fenómeno de mediación, la noción de una tecnoestética. Através de un estudio de la categoría “forma”, se busca desarrollar una articulación de la cuestión de los medios de comunicación y su dimensión constitutiva en la expresión y en el sentido, comprendiendo la técnica en cuanto lenguaje, bien como la estética como forma de socialidad en la actual coyuntura, una vez que está en curso un nuevo orden sociotécnico de la vida.

Palabras clave: mídia, discurso, forma, socialidad, sentido.

Techniaesthetic: a perspective of a way to think about the constituent dimension of the means in the sociality, in the expression and in the meaning

Abstract: It is proposed the techniaesthetic notion on the accompaniment of the mediation. Throughout one study of the category “form”, it is aimed at developing and articulation about the means of communication and their constitutive dimension in the expression and in the meaning, understanding the technique while language, as the aesthetic like the form of sociality in the current conjuncture, once it is in course a new order socio-technique of the life.

Key words: media, discourse, form, sociality, meaning.

Introdução

Partimos do pressuposto que a técnica, num horizonte de complexificação de seus processos, torna-se portanto reconhecida como linguagem, segundo o que nos propõe Rodrigues (1990), idéia que permite refletir mais além em direção aos meios de comunicação e sua dimensão constituinte do processo de compreensão, num horizonte que problematiza o fenômeno da linguagem não como acessório. Ao mesmo tempo, ao reconhecermos um processo histórico de sociedade mediada que coloca os meios enquanto conformadores de uma sociedade como um todo segundo Fausto Neto (2005), acreditamos que conseqüências advêm para os estudiosos dos fenômenos estéticos¹ em que a técnica assim como a linguagem não

¹ Em virtude da polissemia do termo estética, que em sentido estrito significa forma, nos reportamos à estética enquanto Ciência das formas (e não somente da arte), aqui compreendendo os fenômenos estéticos no que concerne o componente expressivo dos textos, bem como os objetos, técnicos ou estéticos no seu estatuto de mediação. De tal modo, entendemos também a categoria forma no sentido de Maffesoli e Simmel (1996), como forma de socialidade.

pode mais ser pensada como artefato, instrumento, trazendo a idéia de dispositivo, e de tal modo, originando novas questões para a reflexão dos laços sociais. Pensamos que o estudo dos objetos e da categoria forma sejam importantes para a compreensão também da categoria comunicação.

Pensar uma tecnoestética é pensar até que ponto os meios de comunicação contaminam a construção da realidade, os laços sociais e o que está em volta



1. Os meios de comunicação e a dimensão constituinte dos laços comunitários

Neste ponto, percorremos a questão estética, mas sob o enfoque de uma estética sociológica, articulando a noção de forma, conforme Simmel e Maffesoli, no intuito de compreender melhor a categoria comunicação na contemporaneidade. A categoria “forma”, para Simmel, é compreendida não apenas como a expressão em si, mas também como laço social, embora pareça paradoxo falar numa lógica do “estar-junto” (Maffesoli, 1996), diante de manifestações que parecem evidenciar mais a individualidade que o coletivo na era dos meios. Ocorre que, segundo Maffesoli, a socialidade contemporânea possui uma estética que se traduz de modo bastante diferenciado: a experiência social contemporânea parece encontrar em Simmel² uma outra explicação, que estabelece relação com a qualidade comunicacional.

Na metáfora da “Ponte e Porta”, Simmel chama a atenção para a ambivalência da natureza urbana simbolizada pela ponte e pela

porta que tanto pode abrir quanto fechar, ligar ou separar. Com base nessas considerações, Maffesoli (1996) aponta que, de fato, é próprio dessa socialidade a porta, como primeiro elemento a prevalecer no aspecto do fechamento, com o desenvolvimento tecnológico. Por outro lado, ao se deter apenas em tal aspecto, nas várias “tribos” urbanas fechadas em si mesmas, se evidencia uma espécie de solidão que esconde uma série de redes que também compõem a ordem simbólica. O solitário tribalismo nos remete ao que seria uma “comunicação-comunhão”, gerando um processo duplo em que é possível experimentar junto, perceptível no consumo dos mesmos valores, objetos, laços sobretudo simbólicos.

Maffesoli (1996) percebe a possibilidade de refletir a potencialidade de comunicação que, ao que tudo indica, é muito extensa: possui redes e malhas invisíveis que faz a experiência de todos e de cada um na possibilidade de estar-juntos; em suma, de uma socialidade como uma ordem estética. Para o autor, é nesse sentido que deve ser pensada a “construção social da realidade”³, essencialmente simbólica, uma vez que o mundo, em que se está, é aquele que se constrói com o outro, um mundo comum, por referências divididas com outros, que constituem a matriz por onde se dão relações de atração e repulsão, algo resumido pelo autor através da terminologia “interacionismo simbólico”. Assim, o espaço, o território (simbólico ou não) é compreendido como uma espécie de qualidade de meio, mediação entre as entidades que ocidentalmente se costuma considerar como a natureza e a cultura, segundo Maffesoli (1996). Dessa sinergia é possível compreender a possibilidade da existência humana a partir da existência social e

² Cf. Simmel, “Pont et Porte”, e “Les grandes villes et la vie de l'esprit”, 1983 apud Maffesoli, 1996, p. 266-279.

³ Para Fausto Neto (2006), ao falar da mídia jornalística, esta construção da realidade envolve sua “capacidade auto-referencial” que tal mídia possui “em dispor dos meios para construir a inteligibilidade sobre o mundo” [...]. A produção de sentido midiática tem, por outro lado, a cristalização nos próprios “contratos de leitura”, que remete à “realidade da construção”, ou seja, mostra que o trabalho dos media é muito mais complexo.

natural. Justamente, conforme Maffesoli (1996:260), o que fortalece a ordem estética é a particularidade dupla do meio de “reinvestimento” – “de um lado, habituo-me a ver o que me cerca e os outros que partilham esse ambiente e, do outro, sou visto pela alteridade física e social. Duplo movimento, que me constitui enquanto o que sou”. Há uma relação interpessoal e também com o ambiente físico. Esta “religação” acaba dando ao “lugar” status na constituição da sociedade, inclusive operando, segundo o autor, uma mudança de episteme na contemporaneidade; não sendo mais a história e o desenvolvimentismo que entram em questão, mas a exacerbação do presente, daquilo que pode ser vivido aqui e agora (*hic et nunc*) na experiência com os outros; e o que ocupa o imaginário coletivo não é um “por vir”, mas o mundo “concreto” e seus aspectos sensíveis.

Pensar uma tecnoestética nesse contexto, pertinente ao que propomos, é pensar até que ponto os meios de comunicação contaminam essa construção da realidade, os laços sociais e por conseqüência tudo que está em volta. Fausto Neto (2005) chama a atenção, ao falar de midiatização, para uma nova compreensão do fenômeno dos mídias, que passa a ser explicado por uma outra dinâmica, que é pertinente à passagem da cultura dos mídias à “cultura da midiatização”, com sua complexidade e com seu cenário, em que se considere sobretudo o aspecto sócio-tecnológico da sociedade. Vivenciamos uma época em que a técnica é pensada num momento diferente, como instância privilegiada de produção de sentidos, que tem uma dimensão constituinte da sociedade, e a afeta. Para Fausto Neto (2005:2), a midiatização “poderia se caracterizar como ambientes e lugares, no sentido de que ela teria como referência matricial lugar de organização e funcionamento”, em que tal funcionamento fica articulado a mecanismos de estratégias. Nessa medida e sem dúvida é particularmente decisiva sua presença na sociedade atual, mas não apenas por lógicas de materialidades como de imaterialidades, conforme propõe a reflexão desenvolvida pelo autor.

Os processos de materialidades dizem respeito sobretudo à face da midiatização vinculada aos dispositivos e operações técnicas. Apontam, contudo, para imaterialidades, enquanto operações de produção de sentido, que circulam, por parte do trabalho midiático, como também no que concerne um caráter sócio-técnico, que organiza uma nova sociedade em termos de laços comunitários. Estes se deslocam para uma nova forma de vínculo que entra na lógica dos fluxos e conexões, algo antecipado por Simmel (1983 apud Maffesoli, 1996) quando se referia à “vida dos nervos” e na interação das grandes cidades, que fazem sublinhar o caráter comunicacional, abertura e fechamento. Fausto Neto (2005), em face de uma sociedade midiatizada, fala de uma sociabilidade que dá lugar à “informacionalidade”, circunstância que aponta a viragem das interações sociais dos laços para ligações sócio-técnicas a partir da intensificação da tecnologia, que se volta para este tipo de conexão. Oportunamente, talvez, uma das conseqüências desses apontamentos, que se evidencia para o estudo da comunicação, é compreender que na sociedade midiatizada, de “nova natureza sócio-organizacional”⁴, linearidades passam ao estágio das descontinuidades, uma vez que as totalidades homogêneas advindas de determinadas teorias não são mais aceitas diante da impossibilidade de confirmar a homogeneização do uniforme, da uniformização dos gostos e do consumo. A sociedade massificada passa a ser a sociedade das tribos, da fragmentação, que gera a noção de confronto entre “estruturas de oferta e apropriação de sentidos”, segundo Fausto Neto (2005).

Quanto a este último ponto, é neste momento que se desenvolve uma outra dinâmica para o campo dos mídias, que abandonam a condição de simples meios para ocupar a posição de “modernos narradores” (Fausto Neto, 2005:5), que demandam a diferença entre a condição de mediação e a operação singular de inteligibilidades; estas que, no

⁴ Conforme Fausto Neto, 2005.

processo de produção midiática, são trabalhadas mediante estratégias discursivas, ações, de maneira que as ofertas à recepção possam rapidamente ser consumidas. É claro, em circunstância de negociação de sentidos. Veja-se a diferença que se impõe sobre os estudos em comunicação, quando passam a pensar os meios de comunicação inseridos em instâncias de enunciação, enquanto discurso midiático gerador de realidades, e não somente representante, mediador.

A mídia não representa, mas constrói, diz o que ler, onde e como; constitui acontecimentos em verdadeiros ou falsos, de modo que na cultura midiática é pertinente falar em encenar o real, operações realizadas de modo a gerar, e não somente em representar a realidade. Conforme o modo clássico de tratar a linguagem, é a esta garantida a particularidade de re-apresentação, e não de interferir nela, enunciação que é posterior a uma realidade existente. A linguagem do ponto de vista da representação coloca em cheque uma outra noção – a de verdade. Se antes, a verdade da enunciação dependia da existência anterior da realidade, com os meios, essa visão se altera para a verdade da enunciação constatada a partir da co-determinação da ação de vários discursos. Sobre esta questão da verdade, Fausto Neto (2006) se remete justamente às mutações nos discursos jornalísticos, de modo a tratar esta problemática com base na reformulação dos processos de conexão, que interferem no modo de interação dos campos sociais mediante a nova ambiência. Os mídia se colocam em posição de fundar uma “realidade midiática” que pressupõe a “autonomia de suas ‘regras de produção’ para produzir o seu dizer”⁵. Está em vigor uma complexificação da produção de sentidos midiáticos por meio do qual, segundo Fausto Neto (2006), as práticas jornalísticas, por exemplo, passam a trabalhar em novas bases para que haja “confiança entre produção/recepção midiática”. A midiatização, ao dar origem a uma “nova pedagogia

interpretativa”⁶, que retorna sobre tais processos de conexão, coloca em questão, além da verdade na lógica de complexidades dos contratos de leituras, uma outra questão que, ao que tudo indica, acreditamos incidir sobre nossa discussão sobre a forma.

Retomando as proposições de Simmel (1983 apud Maffesoli, 1996), a midiatização tem ao nosso ver criado mais “pontes” que “portas”, ao tomar para si a tarefa de construir “pontos de acesso” (Fausto Neto, 2006) necessários para recobrir a descontinuidade que há em termos de produção de sentido por parte de outras instituições que deixam à deriva seus usuários, tentando regular esses sentidos com um mínimo de polissemias e tornando-se assim lugar singular na esfera social.

Esta reflexão nos remete novamente a Maffesoli (1996) e Simmel, em que o espaço é muito mais que algo físico, mas, de modo não racional, ressalta o que me liga aos outros; o que Maffesoli compreende como experimentar em comum ou “ordem estética”. O território como laço evidencia as identidades que se reconhecem. Ao reconhecer o outro, se reconhecem dando status a esse território, ainda que simbólico. Nesse contexto é que procuramos pensar a noção de tecnoestética, a mídia como um terceiro espaço que faz da estética uma ética. Se há momentos na história em que é o território que garante a continuidade social e a identificação, ao mesmo tempo, participando do ambiente com outros diz Maffesoli (1996), nos tornamos também objetos subjetivos, coisas entre coisas que coexistem entre si. Por que não considerar “o objeto como espaço”, se pergunta o autor.

Para Maffesoli (1996:279) o “ethos pós-moderno” se modela entre outras coisas na participação coletiva do mundo dos objetos, que significa uma forma de solidariedade específica, e assim, pensamos que a entrada dos meios de comunicação numa perspectiva de “organicidade” os coloca em condições de se estabelecer entre os sujeitos e construir

⁵ Cf. Fausto Neto, 2006.

⁶ Ibid. Id., p. 47.

também o social e, daí por diante, a conclusão de que nossa relação com o mundo passa por um objeto. É nesse sentido que o texto pode ser compreendido enquanto objeto de relação, torna-se meio de comunicar, faz-se necessário o exame de suas condições sócio-históricas de existência e produção. Assim que, para Simmel (1983 apud Maffesoli, 1996) a “asa” do vaso (forma em sentido estrito) nos inicia na “amplidão das relações simbólicas” - coisas que não deixam de conter o mundo em si, fazem “ponte” no convívio com outros. Mas na atualidade, é preciso compreender que os meios não apenas fazem a interação entre o ambiente natural e o cultural, tornam-se ambiência e aderem ao mundo natural.

2. A Linguagem técnica na constituição da expressão e do sentido

A partir da entrada da técnica, muitas são as perguntas que se fazem em torno de uma concepção instrumental, que não reconhece sua dimensão enquanto linguagem, e traz por conseqüência a necessidade de discutir a noção de dispositivo. Conforme Rodrigues (1990), considerar a técnica (fazer) como dispositivo é abandonar a concepção de instrumento, meio, e compreendê-la em seu devir autônomo, apesar de a priori estar vinculada à atividade humana num primeiro momento. Através de um processo de complexificação, as razões da tecnicidade podem ser vistas como inerentes à própria técnica, ela mesma como dispositivo, as razões não mais dependentes da natureza econômica e social. Nesse contexto, o estudo dos objetos técnicos (em contraponto aos estéticos, como os de arte) se inserem, segundo o autor, em problemáticas que exigem pensar os princípios que regem estes objetos. Isso porque a noção instrumental aponta para a função como determinante da tecnicidade, que nada tem a ver com os usos a que se preste, nem com o aspecto de natureza (artesanal) ou artificialidade (industrial), e segundo o que apontamos anteriormente, o

modo de existência é correspondente à idéia de dispositivo, e não de utilitarismo. Os objetos do mundo também são compreendidos nesta perspectiva como formas de vida, o que diminui a distância que havia entre técnica e discurso.



Procuramos pensar a noção de tecnoestética focalizando a mídia como um terceiro espaço que tem o poder de fazer da estética uma ética

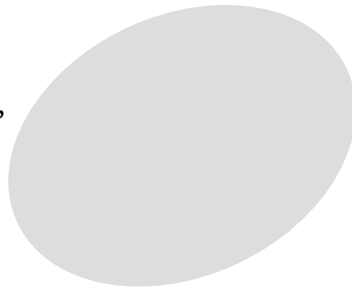
Esta questão nos interessa na medida em que possibilita compreender melhor os vínculos entre homem e técnica, e respeitados os interesses aqui propostos, a articulação com as particularidades dos meios de comunicação com a sociedade. Quanto à relação entre linguagem e técnica, recuperando algumas formulações de Rodrigues (1990), estas se interpenetram - a linguagem cada vez mais inserida no domínio da tecnicidade, razões, segundo o autor, para pensar também a relação entre técnica e comunicação. Haveria na verdade não somente um fenômeno de tecnicidade da linguagem que, conforme Rodrigues (1990), significa moldagem do mundo técnico à linguagem, às suas regras, modo de funcionamento, etc. Isso pressupõe o debate sobre uma nova modalidade de linguagem, constituinte do mundo humano por proximidade ao universo da linguagem natural.

Pensar o fenômeno da linguagem hoje, nos é exigido um deslocamento da visão clássica para uma outra, que não perceba a linguagem como acessório (sons, caracteres gráficos, etc.), como veículo apenas, a serviço do sujeito, atestando um conteúdo. Não se trata apenas de uma tecnoestética que compreende o objeto como parte da constituição material, linguagem, como também em di-

reção a uma lingüística da fala, do discurso, impulsionando para o estudo das representações no sentido do trabalho realizado sobre elas, trabalho entendido como operações de sentido.

É interessante perceber que Rodrigues (1990) neste trabalho que ainda não se move na conformação de uma nova sociedade (mediatizada), reconhece os “media” na sua

O campo midiático atua de maneira ética ao construir as pontes, os laços, permitindo ver de um ângulo privilegiado para compreender



relevante particularidade de mediador, que hoje dá lugar a um avanço nos estudos, elegendo estes como dispositivos de enunciação, numa lógica de complexidades, como aponta Fausto Neto (2005) no panorama de midiatização e nova ordem sócio-técnica. Por isso inclusive está em vigor um outro conceito de comunicação, que não considera os meios apenas como mediação, mas como aditivos, em que quanto maior o desenvolvimento tecnológico, não é somente a ordem lingüística, mas a ordem do discurso cada vez mais influenciada. As linguagens técnicas não servindo apenas para representar, não podem apenas serem delegadas ao papel de intermediar processos comunicacionais, diante de uma nova ordem simbólica.

Os objetos fazem sentido, não são meros objetos – afetam a constituição da sociedade enquanto estrutura – da parte cognitiva dos sujeitos, deixando para trás a lógica mecanicista das teorias anteriores. É certo que algumas visões sobre esse fenômeno são mais catastróficas que outras, tendo em vista o conceito de dispositivo. Devido ao que estamos procurando percorrer, a questão formal

tem sido levantada na medida em que o fenômeno atual que coloca os meios no centro de uma dinâmica sócio-cultural aparece muito mais como uma questão de forma que de conteúdo. Maffesoli (1996) propõe uma época sobretudo de culto à forma, o que ele chama de “hedonismo do cotidiano”, recuperação de um contexto bastante anterior em que os objetos tinham tanta relevância quanto o humano e que, ao não admitir a separação entre homem e objeto em dois mundos diferenciados, faz reconhecer que os objetos saem da sua função programada para uma “ordem simbólica objetal”. O design, o jornalismo, a publicidade, têm sua dimensão constituinte da sociedade enquanto dispositivos, em que a carga simbólica não está somente em seu aspecto “religante” ao natural, são constitutivos desse mundo. Devido a importância das discursividades midiáticas, as tais “pontes”, a que nos remetemos anteriormente, podem ser atribuídas aos dispositivos midiáticos, na medida em que articulam os campos sociais. Mas não nos enganemos, essas redes são na verdade opacas e não transparentes, segundo Fausto Neto (2006), uma vez que está em jogo a incidência de novos contratos de leitura mediante a especialização de atores.

Vattimo (1992) tenta demonstrar que a lógica de linearidades, transparências, não se confirma na prática, pois está em voga muito mais uma rede de opacidades - na medida em que estas redes impõem suas próprias dinâmicas; e uma vez que alguma delas não trabalhe na lógica de transparência, retira a informação dessa ordem. Resultado disso é uma falta de clareza na introdução desse processo de conhecimento em circularidade, não estando em dinâmicas puramente físicas de produção e recepção. Os discursos não são na verdade públicos, os campos são subordinados a uma espécie de privacidade que não pode ser ignorada. Recuperamos uma parte do pensamento do autor em que propõe repensar a “estética da existência”, do experienciar em comum, bastante ligado a uma idéia de estética aurática, ou seja, da estética ainda fora da era da re-

produtibilidade técnica (de W. Benjamin) que coloca a concepção estética clássica enquanto lugar de conciliação. Daí sua desconfiança que a estética na era industrial supera a concepção de lugar de conciliação, correspondência, para o aspecto que lhes passa a ser constitutivo: exposição do mundo e produção. Não nos interessa prolongar essa discussão que nos parece demasiado filosófica, e sim assinalar neste contraponto com a reflexão estética a idéia de que novas condições de fruição e produção na era dos media provavelmente modificam, assim como o “modo de dar-se” (ethos) da arte na era da técnica, também a evolução histórica dos próprios meios, no que se refere à idéia de mediação. As regras de linguagem não são universais e, embora os dispositivos sejam sociais, os discursos, que pensam sobre eles, se assentam numa lógica privada, mas é preciso ressaltar que atuam em rede de pregnância.

A noção de ação linguageira traz a concepção de que a língua só é efetiva no ato de enunciação; e se a língua não é o discurso, mas é com ela que se produz discurso, o exercício da língua aponta para a problemática da subjetividade, própria da atividade enunciativa, da linguagem como produção do sentido. Nesse panorama, os meios se inserem também enquanto instâncias discursivas, fruto de uma evolução que se inicia desde a entrada da pós-modernidade quando ocorre o fim das grandes narrativas centralizadoras, que regiam a produção científica, culminando no reconhecimento da técnica e das tecnologias de comunicação e na “pulverização” de discursos e manifestações intelectuais. É assim que o campo dos mídia se constitui em relativa autonomia, de modo que hoje a questão do sentido, que aparece há muito tempo no universo da filosofia, vem ressurgindo no horizonte da comunicação numa dinâmica de disputas entre campos. A partir do reconhecimento da autonomia do campo dos mídia, as discussões avançam em direção à compreensão de sua condição de lugar privilegiado de competência técnico-discursiva. Em “quando a ética toma forma”, Fausto Neto (2002) procura demonstrar alguns desdobramentos da

questão ética no âmbito público, dos quais sublinhamos o aspecto de intervenção da midiática. Segundo um olhar vinculado à análise dos discursos midiáticos, não há como negar marcas de “operações enunciativas postas em funcionamento por algumas estratégias discursivas na esfera dos discursos jornalísticos”, que visam além de anunciar, dar os contornos éticos sobre os quais deve se assentar o discurso político, no que concerne a dar instruções, criar enquadramentos, pelos quais “os outros devem se orientar e/ou operar seus modos de construir a realidade”⁷. Visando presumir possíveis efeitos de sentidos, o campo midiático então, mediante suas operações, agenda o tema – o que significa que seu trabalho não se detém apenas em representar, mas em construir inteligibilidade. Refletindo na direção do interesse de nosso trabalho, pensamos que o campo midiático atua de maneira ética ao construir as pontes, os laços, permitindo ver de um ângulo privilegiado para compreender.

De outro modo, pensar em ramificações ético-ideológicas não é exatamente a questão que percorremos, mas tendo em vista esta mudança de rumos, nos interessa compreender o estudo das representações na comunicação midiática. A problemática do que é produzir sentido⁸ ou de buscar até que ponto o objeto está permeado pela midiática, ou ainda das relações entre representação e discurso são algumas das perguntas que ocorrem aos pesquisadores, uma vez que o fenômeno de midiática interfere na compreensão da produção de significados e sentidos. Ocorre que, no estudo dos textos enquanto objetos de significação, naquilo que une significante e significado, não se trata mais de uma arbitrariedade, uma ordem binária, mas um terceiro envolvido na relação com o mundo, o outro, o terceiro referente, um terceiro discurso entre um “eu” e um “tu” que é constituinte da designação e não alheio; o outro como noção de algo externo mas que, ao mesmo tempo constitui, embora

⁷ Segundo Fausto Neto, 2002, p. 166.

⁸ Anotações de aula.

ausente do que designa⁹. O que liga objeto e conceito é uma instância leitora, a cultura, as regras, o interpretante, que torna a matéria inteligível; é o dispositivo de leitura. Trata-se da mudança das condições de enunciação, pois, o outro passa a constituir essa enunciação num ambiente que se complexificou. O dito é permeado por aquilo que está em volta, algo que a teoria aponta em direção de uma lógica ternária.

Não havendo modo de dar sentido a algo, que não seja pela linguagem, para pensar a forma e seu sentido, o que representa (a re-presentação, atualização, representar de novo), é necessário pensar a representação enquanto fenômeno da ideologia, que opera em representação e produção, onde cada campo tem suas regras (sociais, subjetivas). Não é bem o resultado, o efeito (representação) desse trabalho que importa, mas o processo que constrói, o lado mais operativo da mensagem que aponta para o conteúdo, como é construído, os modos de fazer as representações, como são engendradas, o que funda aquilo que é dito, enfim, as condições de produção. De modo que ir aos textos é fazer o percurso das representações em forma de discurso, ação, atividade, trabalho; é preciso operar, engendrar, enunciar valores representados por construções, não sendo possível representação sem discurso. Numa prática discursiva em que representações se dão em ato, a relação forma/ conteúdo é feita pelo discurso, carregado de ideologia, que torna possível a relação entre objeto e conceito, a semiose. A ideologia assim é compreendida não como perversão do sentido, mas como ponto de vista sobre o qual se assenta a possibilidade de relação entre pensamento, linguagem e mundo. Na verdade não é a estética que é ideológica¹⁰,

mas o trabalho realizado (ideologia) sobre este conteúdo que impõe sentido a um signo.

● Considerações finais

Quando nos propomos na discussão de uma tecnoestética no contexto da dimensão constitutiva dos meios na expressão e no sentido, tentávamos recuperar como a estética pode tornar-se prática, mais ou menos como propõe Maffesoli (1996), como uma pragmática, permitindo a produção do sentido comunicável, inscrevendo-se na circulação geral das palavras, das imagens, dos objetos, noção que acreditamos colaborar para a reflexão da matéria significante na atualidade, bastante heterogênea, translingüística.

Também acreditamos que refletir sobre a categoria “forma”, enquanto socialidade, colabore para que possamos compreender melhor a categoria comunicação, na medida em que diante do fenômeno de midiaticização, pensar a estética como laço social reivindica pensar numa lógica de descontinuidades, onde a socialidade em questão é muito mais atribuída aos fluxos que a uma forma fechada, compacta, sem no entanto deixar de conformar uma socialidade que é quase “informal”. Nesse contexto, pensamos que o campo midiático tem atuado de modo singular na produção de sentido, buscando dar conta de demandas não recobertas devido ao novo paradigma comunicacional que se desenvolve no âmbito de descontinuidades entre oferta e recepção, e que coloca o campo midiático em evidência no seu papel de principal responsável pela produção de sentido social, construindo as “pontes”.

Acreditamos que com esse texto estejamos apenas iniciando a refletir sobre a noção de uma estética social bem como sobre a estética em sentido estrito, articulada à problemática dos meios de comunicação na contemporaneidade, em que a técnica passa a ter status de linguagem e de dimensão constituinte do processo de compreensão.

⁹ Ibid. Id.

¹⁰ Marcuse (1986) em “A dimensão estética” faz uma crítica à ortodoxia marxista que prevê os vínculos da estética com o sistema produtivo, acreditando o autor haver uma independência desta esfera em relação à determinadas classes sociais, visão de mundo e interesses destas.

Referências

FAUSTO NETO, A. Quando a ética toma forma. Estratégias discursivas do “Jornalismo de Combate. In: PAIVA, R. **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, pp. 165-186.

_____. **Mediatização – Prática Social, prática de sentido?** Apresentado no Encontro da Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido. São Leopoldo: PPGCC, 2005, pp. 1-16.

_____. Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’. In (orgs.): Ângela Felippi, Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin.

Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, pp. 46-63.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1996.

MARCUSE, H. **A Dimensão Estética**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986.

RODRIGUES, A. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 1990.

VATTIMO, G. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio D’água, 1992.

